

**PET Indígena**

7 de junho de 2020 · 🌐



Meu nome é Maurício Galibis Nunes, tenho 36 anos, sou professor de Arte, indígena do povo Galibi-Marworno, TI Uaçá, residente na aldeia Kumarumã, no extremo norte do Amapá. O acesso a minha aldeia é somente através de transporte fluvial e aéreo, basicamente, estamos "isolados do mundo". Constantemente, vamos ao município de Oiapoque para comprar vender e comprar mercadorias para nossos lares, uma viagem que leva em média 4 a 6 horas de voadeira (motor de popa) pelo Rio Curipi. Fazemos o desembarque na aldeia Manga e seguimos de carro para Oiapoque. Há a possibilidade de fazermos o deslocamento também pelo mar, mas a viagem dura, em média, 12 a 18 horas, dependendo da maré.

A aldeia Kumarumã é um local onde a tecnologia e as religiões marcam presença. Onde as "modernidades" tendem a tomar espaço, enquanto os valores culturais estão sendo esquecidos. Somos, basicamente, 3.000 moradores "esquecidos" pelos governantes. Como temos acesso à internet e assistimos, diariamente, pelos jornais, os fatos ocorridos no Brasil e no mundo, pudemos acompanhar a evolução da Covid-19 na China e nos países europeus, e como esse vírus levou a óbito muitas pessoas em questão de dias. Conversávamos entre nós "que isso não chegaria para cá", pois "estamos longe".

Quando as emissoras de televisão anunciaram os primeiros casos no Brasil isso nos preocupou, foi o assunto do momento, principalmente pelo número de mortos que ia só aumentando, o número de casos se espalhando no nosso país. Então foi confirmado alguns casos em Macapá e em Oiapoque. Com isso, as lideranças locais tomaram algumas medidas de prevenção, visando o melhor para a comunidade. Mesmo assim, alguns não concordavam, pois diziam que o vírus "não chegaria na nossa aldeia". Começamos a controlar a entrada e saída das pessoas da aldeia. Algumas pessoas não quiseram cumprir as normas da comunidade, e saíam de madrugada para o município de Oiapoque. Outras, traziam seus familiares que moram na cidade. Com a liberação do pagamento da primeira parcela do auxílio emergencial, barcos, com bastante passageiros, saíram da aldeia para a cidade, aglomerando muita gente em um mesmo local. Acredito que essa foi uma das portas que se abriram para a entrada do vírus na nossa comunidade.

No mês de maio algumas pessoas já apresentavam sintomas de Covid-19, mas não tínhamos certeza de nada, até que, no dia 23, um indígena foi encaminhado para a cidade com problemas respiratórios e, no mesmo dia, foi feito o teste nele e deu positivo. Isso abalou a comunidade. A preocupação nos fez refém do medo, pois já não podíamos fazer mais nada, "ela" tinha chegado na nossa aldeia. No dia 25 veio uma equipe da saúde e fizeram vários testes, o resultado foi positivo em muita gente... Foi nesse momento que minhas lágrimas desceram, pois eu conversava com as pessoas sempre sorrindo, mas quem me vê sorrindo por fora não sabe como eu choro por dentro de preocupação, pois vi parentes meus sofrendo com sintomas dessa praga.

No dia 1 de junho uma senhora foi a óbito com sintomas de Covid-19. Agora, o que já era

preocupante se tornou ainda pior, pois não temos recursos pra combater essa doença. Alguns dias antes desse ocorrido, ainda tinha pessoas na comunidade desobedecendo a lei da quarentena. Uma situação lamentável, sei que estamos correndo risco, alguns de nossos costumes acabaram: as conversas em grupos e as refeições coletivas em família; os mutirões, as brincadeiras e outras atividades em conjunto. Diante de tudo isso, me sinto impotente, não temos para onde correr, não sei como ajudar, o que será do meu povo? Temo pela minha família, meus planos, minhas metas, meus sonhos, foram interrompidos. O pior de tudo é que não há previsão de quando tudo vai "voltar ao normal", será que voltará? Como será o nosso amanhã? Como nos adaptaremos ao novo "normal"? Tenho medo de não obter essas respostas. Estamos pagando um alto preço pela desobediência de alguns, corremos risco de que a Covid-19 leve muitos de nossos parentes e amigos. Agora só nós resta esperar e nos isolarmos. É triste, mas é a realidade.

Espero que isso passe, ainda lutamos, tomamos nossos chás de ervas medicinais pra combater os sintomas dessa doença. Acredito que tem uma força maior que nos guardará e assim vamos atravessar esse mal, é o que eu desejo para todos nós.

Aldeia Kumarumã, Oiapoque, Amapá, Brasil

03 de junho de 2020

Mon nom est Mauricio Galibis Nunes, j'ai 36 ans et je suis professeur d'Art, indigène du peuple Galibi-Marworno, TI Uaçá, résident dans le village Kumarumã situé à l'extrême nord de l'état d'Amapá. L'accès à mon village est possible seulement à travers du transport fluvial et aérien, basiquement, nous sommes "isolés du monde". Constamment, nous allons dans la municipalité de Oiapoque pour acheter, vendre et acheter des marchandises pour nos maisons, un voyage qui dure en moyenne 4 à 6 heures de vol (moteur hors-bord) par la rivière Curipi. Nous faisons le débarquement dans le village Manga et continuons en voiture jusqu'à [Oiapoque](https://www.oiaopoque.br). Il y a possibilité de faire le déplacement aussi par la mer mais, le voyage dure en moyenne 12 à 18 heures, en fonction de la marée.

Le village Kumarumã est un lieu où la technologie et les religions sont présentes. Où les "modernités" ont commencé à prendre de l'espace, pendant que les valeurs culturelles sont oubliées. Nous sommes basiquement, 3000 habitants "oubliés" par les gouvernants. Comme nous avons accès à internet et regardons tous les jours, grâce aux journaux, les faits qui se déroulent au Brésil et dans le monde, nous avons pu accompagner l'évolution du Covid-19 en Chine et dans les pays européens, et comment ce virus a causé le décès de plusieurs personnes en question de jours. Nous discussions entre nous "que cela n'arrivera pas ici" parce que " nous sommes loin".

Quand les émissions de télévision ont annoncé les premiers cas au Brésil, cela nous a préoccupé, c'était le sujet de conversation du moment, principalement le nombre de morts qui augmentait seulement, le nombre de cas qui se répandait dans notre pays. Alors certains cas ont été confirmés à Macapá et Oiapoque. Ceci étant, les dirigeants locaux ont pris certaines mesures de prévention, visant le meilleur pour la communauté. Même ainsi, certains n'étaient pas d'accord parce qu'ils disaient que le virus "n'arriverait pas dans notre village". Nous avons commencé à contrôler l'entrée et sortie des personnes du village. Certaines personnes ne

voulaient pas se conformer aux normes de la communauté, et sortaient à l'aube pour la municipalité de Oiapoque. D'autres ramenaient leur famille qui vivait en ville. Avec la libération du paiement de la première tranche de l'aide d'urgence, des bateaux, avec de nombreux passagers, sont sortis du village pour la ville, causant ainsi une agglomération de personnes en un même lieu. Je crois que ce fût une des portes qui s'ouvrit pour l'entrée du virus dans notre communauté.

Dans le mois de Mai, certaines personnes présentaient déjà les symptômes du Covid-19, mais nous n'étions sûrs de rien, jusqu'au 23 où un indigène a été transféré en ville avec des problèmes respiratoires, et le même jour, il a été testé positif. Ceci a ébranlé la communauté. L'inquiétude nous a rendu otages de la peur, parce que nous ne pouvions plus rien faire, "elle" était déjà dans notre village. Le 25, une équipe de santé est venue et ils ont fait plusieurs tests, le résultat était positif pour plusieurs personnes... C'est à ce moment que mes larmes ont commencé à couler, parce que je discutais avec les personnes toujours souriant mais qui me voit sourire à l'extérieur ne sait pas comment je pleure d'inquiétude à l'intérieur, parce que j'ai vu mes parents souffrir avec les symptômes de cette épidémie.

Le 1er Juin, une dame est décédée des symptômes de Covid-19. Maintenant, ce qui était déjà préoccupant est devenu pire, parce que nous n'avons pas de ressources pour combattre cette maladie. Quelques jours avant ce qui s'est passé, il y avait des gens dans la communauté qui ont désobéit à la loi de la quarantaine. Une situation lamentable, je sais que nous courrons un risque, certaines de nos habitudes ont pris fin: les conversations en groupe et les repas collectifs en famille ; les bénévoles, les jeux et autres activités en commun. Face à tout cela, je me sens impuissant, nous n'avons nul part où aller, je ne sais comment aider, que deviendra mon peuple ? Je crains pour ma famille, mes projets, mes objectifs, mes rêves ont été interrompus. Le pire de tout ça, c'est qu'il n'y a pas de prévision pour quand tout "reviendra à la normale", reviendra-il ? Comment sera notre lendemain ? Comment allons-nous adapter au nouveau "normal". J'ai peur de ne pas obtenir ces réponses. Nous payons un prix fort à cause de la désobéissance de certains, nous courrons le risque que le Covid-19 emporte plusieurs de nos parents et amis. Maintenant, il ne nous reste qu'à espérer et nous isoler. C'est triste mais c'est la réalité. J'espère que tout ceci passera, nous lutons encore, nous buvons nos thés de plantes médicinales pour combattre les symptômes de cette maladie. J'ai la conviction qu'il y a une force supérieure qui nous gardera et ainsi nous allons traverser ce mal, c'est ce que je souhaite pour nous tous.

Village Kumarumã, Oiapoque, Amapá, Brésil le 03 Juin 2020

Traduit par Manuella Adèle Fifamè CHOKKI

My name is Maurício Galibis Nunes, I am 36 years old, I am an art teacher and indigenous of the Galibi-Marworno people, TI Uaçá, resident in the village Kumarumã, in the extreme north of Amapá. The access to my village is only by river and air transport, basically, we are "isolated from the world". We are constantly going to Oiapoque to sell and buy goods for our homes. This trip takes around 4 to 6 hours by boat through the Curipi River, then we disembark at Manga village and drive to Oiapoque. There is also the possibility of getting there by sea but the trip takes 12 to 18 hours, depending on the tide.

The Kumarumã village is a place where technology and religions are present. Where "modernities" tend to take place, while cultural values are being forgotten. We are basically 3,000 residents "forgotten" by the government. As we have access to the internet and we watch news about the facts that have been occurring in Brazil and in the world, we were able to follow the evolution of Covid-19 in China and in European countries, and we are able also to realize how this virus led to the death of many people in a matter of days. We used to talk each other "it would never get here" because "we are far".

When the television stations announced the first cases in Brazil, it really worried us. It was the subject of the moment, mainly due to the number of deaths and infections throughout our country were increasing pretty fast. Not too late, some cases were confirmed in Macapá and Oiapoque. Thus, the local leaders started to take some preventive measures aiming at protecting our community. Even so, some people did not agree with it because they said that the virus "would not reach our village". We started to control the entry and exit of people from the village. Some people did not want to follow the norms of the community, and used to leave at dawn to go to Oiapoque. Others used to bring back their family members who live in the city. Due to the payment of the emergency aid, many boats with a huge number of passengers left the village to the city, consequently gathering many people in the same place. I believe that this action was one of the doors that opened for the virus to enter our community.

In May, some people already had symptoms of Covid-19, but we were not sure of anything until the 23rd when an indigenous man was sent to the city due to respiratory problems and he ended up being tested positive for coronavirus. This dragged the community down. The feeling of worry made us hostage to fear, because we could no longer do anything, "it" had arrived in our village. On 25th a health team came and did several tests; the result was positive for many people. At that moment, my tears came down right away. I am a person who is always smiling, but whoever sees me smiling does not know how I cry constantly, because I've seen my relatives suffering with symptoms of this virus.

On June 1st, a woman died with symptoms of Covid-19. Now, our concern has become even worse, since we do not have the resources to fight this disease. A few days before that happened, there were still people in the community breaking the quarantine law. This is such an unfortunate situation. I know we are at risk, some of our habits are over: group conversations, family meals, volunteer groups, games and other activities together. While facing all this, I feel powerless. We have nowhere to run, I don't know how to help, how is going to be the future of my people? I fear for my family, my plans, my goals, my dreams which have been interrupted. But the worst of all is that there is no prediction of when everything will "go back to normal", will it come back? What will our tomorrow be like? How will we adapt to the new "normal"? I'm afraid of not getting those answers. We are paying a high price for the disobedience of some, we run the risk that Covid-19 will take away many of our relatives and friends. Now we can only wait and isolate ourselves. It is sad, but it is the reality. I hope this goes away, we have to be strong, we take our herbal teas to fight the symptoms of this disease. I believe that there is a greater force that will guard us and thus we will cross this evil, it is what I wish for all of us.

Kumarumã Village, Oiapoque, Amapá, Brazil June 3, 2020

Translated by Gabriel Eudes de Amorim Lima

Mi nombre es Maurício Galibis Nunes, tengo 36 años, soy profesor de Arte, indígena del pueblo Galibi-Marworno, TI Uaçá, residente en la aldea Kumarumã, en el extremo norte de Amapá. El acceso a mi pueblo es solo a través del transporte fluvial y aéreo, básicamente, estamos "aislados del mundo". Constantemente, vamos al municipio de Oiapoque para comprar venta y compra de bienes para nuestras viviendas, un viaje que tarda en promedio de 4 a 6 horas de lancha (motor fuera borda) por el río Curipi. Realizamos el desembarque en el pueblo Manga y seguimos de carro a Oiapoque. Existe la posibilidad de hacer el viaje también por mar, pero el viaje dura, en promedio, de 12 a 18 horas, dependiendo de la marea.

La aldea de Kumarumã es un lugar donde la tecnología y las religiones están presentes. Donde las "modernidades" tienden a ocupar espacio, mientras que los valores culturales están siendo olvidados. Somos básicamente 3,000 residentes "olvidados" por los gobernantes. Como tenemos acceso a Internet y vemos diariamente, por los periódicos, los acontecimientos que ocurrieron en Brasil y en el mundo, pudimos seguir la evolución del Covid-19 en China y los países europeos, y cómo este virus llevó a la muerte muchas personas en cuestión de días. Hablamos entre nosotros "que esto no llegaría aquí", porque "estamos lejos".

Cuando las estaciones de televisión anunciaron los primeros casos en Brasil, eso nos preocupó, fue objeto del momento, principalmente por el número de muertes que sólo estaba aumentando, el número de casos que se propagan en nuestro país. Luego se confirmaron algunos casos en Macapá y Oiapoque. Ante ello, los líderes locales han tomado algunas medidas de prevención, con el objetivo de lo mejor para la comunidad. Pero así, algunos no estaban de acuerdo, porque dijeron que el virus "no llegaría a nuestra aldea". Empezamos a controlar la entrada y a la gente de la aldea. Algunas personas no querían cumplir con las normas comunitarias, y se fueron al amanecer para el municipio de Oiapoque. Los otros, trajeron a sus parientes que viven en la ciudad. Con la liberación del pago de la primera entrega de ayuda de emergencia, barcos, con suficientes pasajeros, salieron del pueblo a la ciudad, amontonando a mucha gente en el mismo lugar. Creo que esa fue una de las puertas que se abrió para la entrada del virus en nuestra comunidad.

En mayo algunas personas ya tenían síntomas del Covid-19, pero no estábamos seguros de nada, hasta que, el día 23, una persona indígena fue enviada a la ciudad con problemas respiratorios y, el mismo día, la prueba se hizo en él y dio positivo. Eso sacudió a la comunidad. La preocupación nos tomó como rehenes del miedo, porque ya no podíamos hacer nada más, "ello" llegó a nuestro pueblo. El día 25 llegó un equipo de salud e hizo varias pruebas, el resultado fue positivo en muchas personas... Fue en este momento que mis lágrimas cayeron, porque hablé con la gente siempre sonriendo, pero los que me ven sonriendo por ahora no saben cómo lloro dentro de la preocupación, porque vi a mis parientes sufriendo de síntomas de esta plaga.

El 1 de junio, una señora murió con síntomas de Covid-19. Ahora, lo que ya era preocupante se ha vuelto aún peor, porque no tenemos los recursos para luchar contra esta enfermedad. Unos días antes de que ocurriera, todavía había gente en la comunidad desobedeciendo la ley de cuarentena. Una situación lamentable, sé que estamos en riesgo, algunas de nuestras costumbres han terminado: conversaciones grupales y comidas familiares colectivas; los grupos de trabajo, los juegos y otras actividades juntas. Frente a todo esto, me siento impotente, no tenemos adónde huir, no sé cómo ayudar, ¿qué será de mi pueblo? Temo por mi familia, mis planes, mis metas, mis sueños, han sido interrumpidos. Lo peor de todo es que no hay predicción de cuándo todo "volverá a la normalidad", ¿volverá? ¿Cómo será nuestro mañana? ¿Cómo nos adaptaremos a lo nuevo "normal"? Me temo que no conseguiré esas respuestas. Estamos pagando un alto precio por la desobediencia de algunos, corremos el riesgo de que el Covid-19 se lleve a muchos de nuestros familiares y amigos. Ahora todo lo que tenemos que hacer es esperar y aislarnos. Es triste, pero es la realidad.

Espero que esto desaparezca, seguimos luchando, tomamos nuestros tés de hierbas para combatir los síntomas de esta enfermedad. Creo que hay una fuerza mayor que nos mantendrá y así pasaremos por este mal, es lo que deseo para todos nosotros.

Aldea Kumarumã, Oiapoque, Amapá, Brasil, 03 de junio de 2020

Traducido por Carlos Reyes Flores

[#OPETNãoPara](#) [#PetIndígena](#) [#CampusBinacional](#) [#Oiapoque](#) [#CLII](#) [#LicenciaturaIndígena](#)  
[#FalaParente](#)





   92

8 comentários 36 compartilhamentos